



pinturas de *Ermelinda*



pinturas de *Ermelinda*

sala do artista popular

160

2010

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Ministério da Cultura
Ministro: Juca Ferreira

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial
Diretora: Márcia Sant'Anna

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Diretora: Cláudia Marcia Ferreira

PARCERIA

Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro
Presidente: Lygia Segala

PATROCÍNIO

Caixa Econômica Federal
Presidente: Maria Fernanda Ramos Coelho

realização



CENTRO
NACIONAL DE
FOLCLORE E
CULTURA POPULAR



Ministério
da Cultura

CAIXA

patrocínio

Balanas brancas. 2005. acrílico s/ tela, 22 X 27cm



Setor de Pesquisa

COORDENADORA
Maria Elisabeth Costa

Programa Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL
Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
Marylia Dias, Magnum Moreira e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO
Guacira Waldeck

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Lucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO
Maria Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS
Francisco Moreira da Costa

APOIO DE PRODUÇÃO
Flávia Correia

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Márcia Shoo

PROJETO DE MONTAGEM E
PRODUÇÃO DA MOSTRA
Luiz Carlos Ferreira
Talita de Castro Miranda (assistente)

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA
Alexandre Coelho

P659 Pinturas de Ermelinda / pesquisa e texto de Guacira
Waldeck.-- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2010.

32 p. : il.-- (Sala do Artista Popular ; n. 160)

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período dia 15
de julho a 15 de agosto de 2010.

1. Arte popular. 2. Artistas populares.
3. Pintura popular. I. Almeida, Ermelinda. II. Waldeck,
Guacira, org. II. Série.

CDU 7.067.26

sala do artista popular

160 2010

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Pinturas de Ermelinda

GUACIRA WALDECK

MEUS QUADROS PURINHOS

Cearense de Fortaleza, Ermelinda de Almeida nasceu em 1947, sendo a décima primeira numa família de quinze filhos. O pai, José Francisco dos Santos, possuía pequena propriedade onde cultivava feijão, mandioca, abóbora, frutas. No município Capistrano de Abreu, a 92 quilômetros de Fortaleza, em terras de sua propriedade, plantava algodão. “Na época da colheita, não tinha querer: lá iam eu e meus irmãos menores. A gente ficava seis meses nesse lugar. A luz lá era a luz da lua, era lamparina. Minhas irmãs, meus irmãos nem iam. Minha irmã, só uma, a outra nem aparecia.” A mãe, Sebastiana Ermelinda de Paula, era dona de casa, costurava, fazia “fuxico” para as colchas da família e renda de bilros para adornar as roupas dos filhos. Também sabia fazer queijo e manteiga para o consumo doméstico.



Ermelinda deixou Fortaleza aos 14 anos para viver em São Paulo, onde morava a irmã Maria, que se transferiu para a cidade ao se casar. Aos 17, para ajudar a irmã Isabel a cuidar do filho recém-nascido, veio para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Da meninice no Ceará não guarda boas lembranças: eram os tempos de vida de “Gata Borracheira”, como costuma dizer. Sem poder ir à escola – afirma que todos os outros irmãos a frequentaram –, aprendeu as primeiras letras com a ajuda de uma professora: “pegava o toquinho de lápis das crianças, pegava o papel de pão”.

O vestuário, lembra, diferente dos outros irmãos, eram peças feitas de tecido de saco de farinha, até o dia em que, com o dinheiro que ganhava trabalhando numa manufatura de bordados, comprou tecido de chita, e desmanchou um vestido em desuso para utilizá-lo como molde para a roupa nova, que confeccionou sozinha, à mão. Conta também que, na infância, antevia fatos trágicos, prevendo acidentes e mortes, premonições que a estigmatizaram perante a vizinhança e a família.

Em uma nova fase, no Rio de Janeiro, Ermelinda conseguiu estudar e, aos vinte anos, casou-se com o contador Hélio José de Almeida, com quem conviveu até sua morte, em 2007. Tudo indicava que sobreviveria como costureira, atividade que lhe permitiu amealhar economias para a compra de seu primeiro apartamento, no Centro da cidade.

Ela descreve o casamento como uma fase muito boa de início, mas, com o passar dos anos, instável, de “altos e baixos”. Depois da morte do marido, mudou-se para um pequeno apartamento no Catete, onde criou o seu espaço de trabalho numa mesinha.

O interesse pela pintura surgiu por acaso, em 1994, num período de dificuldades, depressão e desencanto. Triste, sem saber ao certo que rumo seguir, recebeu da amiga Maria

Torres, que então assistia a aulas de pintura no Sesc, o conselho para fazer o curso como “uma terapia”. De início, não se animou. O que poderia fazer ali, sem ter a menor noção de desenho? – questionava.

Um dia, ainda muito insegura, resolveu aparecer na aula do professor Tancredo de Araújo, coordenador das artes plásticas da instituição, desistindo em seguida.



Não adianta me chamar para a pintura. Não tenho interesse, não vou nunca pintar nada. Naquele dia eu estava tão para baixo... Estava deitada e comecei a conversar com Deus. Eu creio muito em Deus. “Meu Deus, eu estou tão perdida, mostre-me o caminho. O que eu estou procurando, o que eu devo fazer?” Levantei, peguei lápis e papel e comecei a desenhar. Ai falei: “agora eu volto para o curso”. Lá no curso, falei pro professor: “olha, aconteceu isso comigo”. Nessa época nem se falava muito em pintura naif. Ele me disse que era por ali o meu caminho. Ai eu disparei. Era como se tivesse um vulcão dentro de mim. Mais e mais desenhos.

De repente, sempre de madrugada, vem na minha mente: “Eu vou pintar!” O quê eu não sei, porque eu nunca planejo os desenhos; simplesmente pego lápis e papel e é como se alguém pegasse a minha mão e me fizesse fazer o desenho. Eu não sei se dormia, se acordava, não sei como eu ficava. Sei que o desenho depois estava no papel. Como consegui fazer esse desenho?

A imagem utilizada por Ermelinda para demarcar sua iniciação – uma explosão interior, como se ela abrigasse

dentro de si um vulcão adormecido que subitamente, em atividade, lança das profundezas da terra a matéria viva e incandescente da criação – não deixa de evocar o pintor Paul Gauguin (1848-1903), que definia o início e o término de um quadro como um momento de “sentimentos extremos”, de explosão, quando o “pensamento sai como a lava de um vulcão”.

São os “meus quadros purinhos”, como classifica os que resultam desse domínio oculto, dessa força incoercível, espontânea, que a faz despertar do sono em plena madrugada; são aqueles de inspiração noturna, em estado de vigília, em que as imagens surgem como se fluíssem diretamente do inconsciente. “Eu acordo de madrugada como se alguém dissesse assim: – vai desenhar! Eu levanto, pego o papel e começo”. No verso da folha desses desenhos, a autora tem o cuidado de indicar a data e a hora.

As composições que aparecem na calada da noite se opõem àquelas que resultam de encomendas, que exigem estudo das imagens a serem transpostas para o papel e, em seguida, para a tela. A série de quadros diurnos exige estudo, observação, uso de fotografia. Começou quando Ermelinda foi convidada a pintar uma tela para participar de uma exposição por ocasião da Copa Mundial de Futebol.



Arraia. 2006, acrílico s/ tela, 40 X 50cm

Num primeiro momento recusou o convite, sob protesto da diretora do Mian – Museu Internacional de Arte Naif –, que a desafiou. Viu livros, revistas, partidas na TV, conseguindo, então, pintar o quadro, que fez parte da exposição e foi doado, após o encerramento, para a instituição.

Essa primeira experiência, assinala, dissipou a inibição diante da tela em branco, abrindo caminho para a criação de legião de santos, de temas ligados às festas populares, como o bumba-meu-boi, festejos juninos e figuras mitológicas, como o Saci-Pererê.

A imagem dos “quadros purinhos” é interessante porque nela se entrevê a fronteira entre os quadros noturnos e aqueles em que a criação se constitui a partir de uma rede de relações sociais e institucionais – são os quadros que faz para atender a encomendas ou ao desejo pessoal de participar de eventos e exposições que têm um eixo temático previamente definido. Todavia, em ambos os processos Ermelinda lança mão da mesma técnica.



Os Sacis Pererê. 2005, acrílico s/ tela, 38 X 46cm



Oxalufá e Oxaguiá. 2005, acrílico s/ tela, 22 X 27cm

**"O MUSEU NAIF ME LEVOU LONGE.
FAÇO EXPOSIÇÕES NO BRASIL E NO EXTERIOR,
QUASE TODAS LEVADAS PELO MUSEU NAIF."**

Os rumos de Ermelinda para ingressar no circuito das exposições diferem bastante de pintores que expuseram na Sala do Artista Popular, na década de 1980, como Edson Lima e Edilson Araújo, ambos radicados em São Paulo, e Ricardo Ozias, que se mudou de Eugenópolis, em Minas Gerais, para o Rio de Janeiro. Em comum, todos trouxeram a vivência da vida rural, no interior, são filhos de pequenos proprietários, ou, no caso de Ozias, de agricultores empregados em fazenda.

Edson Lima, de Boa Nova (BA), conviveu com o legendário Waldomiro de Deus, e percebeu a "tendência" para a pintura na meninice: quando "ia para a roça, lá eu ficava riscando o chão, fazendo as minhas pinturas. Aí meu pai falava: menino você tem que ir trabalhar" (Lima, *apud* Souza, 1988).

A paixão pelo "risco" não esmoreceu quando se mudou para São Paulo e passou a trabalhar em uma marcenaria cujo proprietário possuía uma galeria. Ao descobrir o talento do funcionário, encomendou-lhe uma tela – a primeira incur-

são de Edson Lima no uso da tinta a óleo que foi exposta e adquirida. Marina de Mello e Souza (1988) assinala que o pintor pertence ao grupo que emergiu no final dos anos 1960 e 70, no qual figuravam artistas como Waldomiro de Deus e Maria Auxiliadora, que, embora frequentassem os circuitos de galerias, não deixaram a feira da Praça da República, onde Edson expunha, vendia e encontrava seus pares. A autora assinala também a presença do crítico de arte carioca Quirino da Silva (1902-1981), que o incentivou, bem como do físico, colecionador e crítico de arte pernambucano Mario Schenberg (1914-1990).

Edilson Araújo, de Ouro Branco, Rio Grande do Norte, gostava de desenhar desde os bancos escolares: "desenhava paisagens e figuras humanas com carvão e giz nas calçadas" (Travassos, 1986:2). Assim que se mudou para São Paulo, decidiu ingressar em curso de desenho publicitário, com a expectativa de obter aprendizado mais formal, de acordo com os padrões acadêmicos quanto ao uso de cor e a proporções na composição.

Foi nessa fase que, seguindo o conselho do proprietário da casa onde morava, procurou o autodidata Dirceu de Carvalho, que o aconselhou a deixar o aprendizado formal de lado, pois via nele "talento", de modo que "não precisava

estudar, não”. Elizabeth Travassos nota “a visão de Edilson da realidade nordestina amena, quase bucólica” (1986), e Marina de Mello e Souza observa em Edson Lima que a “experiência vivida na roça é a fonte básica de [...] energia vital, de [...] atividade criadora” (1988:5).

Diferente desses pintores, Ermelinda não guardou nostalgia dos tempos em que vivia no Ceará, embora tenha passado para a tela um fragmento do trabalho realizado na meninice no roçado da família, em *Plantação de mandioca de meu pai*.

A passagem de aluna de curso de pintura para pintora naif não se concretizou por intermédio de colecionadores e críticos de arte; nem pelo fato de ter chegado a frequentar algo como a feira da Praça da República, em São Paulo. Tampouco procedeu como Ricardo Ozias, que nos intervalos entre uma tarefa e outra, na Rede Ferroviária Federal, aproveitava para brincar, desenhando caricaturas dos colegas, e assim granjeou fama e foi convidado por um engenheiro da instituição para ilustrar o livro *Madeiras da Amazônia*.

Assim que Ermelinda se iniciou, o colecionador Lucien Filkenstein (1931-2008) reunia, em 1995, sua coleção de cerca de seis mil obras de diferentes países, no Mian, instituição por ele idealizada, instalada num casarão no Cosme

Velho, zona sul do Rio de Janeiro. Ermelinda fotografou suas telas e lá foi mostrá-las a fim de ouvir alguém ligado a uma instituição de arte.

Um dia, no curso, chegou uma senhora e me falou: “você está pintando naif. No Brasil, tem um museu no Cosme Velho que tem essa pintura. Vá lá mostrar o seu trabalho para a diretora”. Ai eu fui e levei as fotos. Ela [Jacqueline Filkenstein, diretora do Museu] saiu da sala e veio direto a mim: “Você está gostando da pintura?” “Eu estou amando. Dizem que estou pintando naif, mas eu não tenho a menor ideia do que estou pintando.” Ela falou: “você deixa as fotos, vai haver um julgamento da comissão e, se você for naif, você vai pertencer ao museu”.

No final do século 19, o termo *naif* ingressa no vocabulário artístico para designar a espontaneidade, a liberdade no uso das cores, o universo plástico e simbólico dos que se aventuram nos pincéis sem passar por formação erudita. O marco do reconhecimento desses autoditadas, pintores de fim de semana, foi a participação do aduaneiro Henri Rousseau (1844-1910), em 1886, no Salão dos Independentes, em Paris.

A vendadora, 2008, acrílico s/ tela, 38 X 45cm





Sala de jantar, 2000, acrílico s/ tela, 37 X 45cm

Paul Gauguin, Pablo Picasso (1881-1973), Robert Delaunay (1885-1941), entre outras figuras proeminentes das vanguardas europeias, foram receptivos àquilo que lhes figurava como a expressão da liberdade, da criação de uma atmosfera de sonho, dotado de força criadora espontânea alheia aos cânones ditados pelas academias de arte.

O reconhecimento de artistas autodidatas passou, então, a constituir um domínio, um mercado. Assim, temos na figura de Anna Mary Robertson (1860-1961), a legendária Grandma Moses, um dos expoentes, nos Estados Unidos; no Brasil, sobressai a figura de Heitor dos Prazeres (1898-1966), mestre em telas de que emanam a atmosfera calorosa e boêmia da vida do povo, com obra que integra significativas coleções de arte, como a do Museu Castro Maya, entre outras (Frota, 2005). José Bernardo Cardoso Jr. (1861-1947) – Cardosinho –, José Antonio da Silva (1909-1996), Maria Auxiliadora (1935-1974), Júlio Martins (1893-1978) e Waldomiro de Deus são alguns dos mais importantes artistas aos quais se aplica a sugestão de Lélia Coelho Frota sobre Cardosinho: “o ideal é deixá-lo[s] livre[s] e desetiquetá-lo[s]” (2005:95).

Sem comparecer à inauguração, Ermelinda estreou em exposição coletiva no Musée de la Création Franche, em Bègles, França, em 2000, com as telas em óleo *Meio*

bicho meio homem e *Sala de jantar*, por intermédio de Jacqueline Filkenstein, quem cuidou de todos os preparativos para essa primeira mostra de seus trabalhos no exterior.

Em 2002, convidada para participar de exposição no Museu Nacional de Belas Artes, não tinha o mínimo de quadros para o evento, nem o tempo necessário para prepará-los.



Meio bicho meio homem, 2000, acrílico s/ tela, 38 X 45cm

Foi quando decidiu inovar, substituindo a tinta a óleo pela acrílica. Desde então prosseguiu ampliando seu leque temático, tendo participado de várias exposições.

Ermelinda inicia seu trabalho desenhando a lápis em papel. Para passar esse primeiro “risco” para as dimensões da tela, usa o recurso da cópia xerox ampliada. O fundo azul predomina em seus trabalhos; assim, após pintar a tela nessa cor preferida, risca o desenho e, em seguida, delinea o contorno das figuras com pincel.

Para atender as muitas encomendas de santos, por exemplo, empreende minucioso estudo iconográfico, a fim

de não deixar escapar as insígnias que conferem singularidade a cada uma das entidades religiosas.

Mas se as imagens são tão diversas, é possível perceber em Ermelinda um elemento comum, um toque pessoal em que transpira certa visão de feminilidade, o gosto por elementos decorativos, pelo adorno, como se ela trouxesse para suas telas um pouco do rendilhado de seus tempos de linha e agulha e, assim, as bordasse. Exemplo disso, uma de suas marcas é criar uma espécie de moldura multicolorida nas extremidades, acrescentando, portanto, mais um elemento decorativo.



Personagem do bumba-meu-boi, 2010, acrílico s/ tela, 22 X 27cm





Santa Luzia. acrílico s/ tela, 33 X 45cm



Anjo da Guarda rosa. 2005, acrílico s/ tela, 24 X 35cm

Por exemplo, eu pinto Nossa Senhora ou o Cristo. Para pintar, eu pego a foto, pra ver como ele está ali. Ai eu faço a minha criatividade. Agora esse aqui [desenhos da madrugada] é o meu puro trabalho, sem foto, sem nada. É o que eu vejo. Não... é o que eu passo para o papel. Quando vou passar para a tela, sempre acrescento alguma coisa.

Algumas imagens de anjos e santos que traduziu nas telas em tinta acrílica:

Eu tive que rodar a cidade procurando esse santo. Nem sabia que ele existia. São Ivo. Foi uma encomenda. (...) Essa aqui é a imagem de São Jorge que está lá na Igreja da Rua da Alfândega. (...) O anjo da guarda está protegendo as crianças porque elas vão para o abismo; outro anjo da guarda protegendo as crianças.

Ao me mostrar um de seus quadros, afirma: “a criatividade de tudo aqui é minha”. Afinal, em que consiste a criatividade de seu ponto de vista, quando parte para uma observação detalhada, para as inúmeras tentativas de transpor de modo bem pessoal o que vê na foto que tem diante de si para o papel e, em seguida, para a tela? Algo que não está exclusivamente

na imagem que quer retratar é o que confere a criatividade para Ermelinda: “as flores, as coisas todas com que eu complementei o quadro. Eu não pintei o puro São Jorge, e todo o meu trabalho é conhecido pelos meus detalhes”.

Há uma visão, portanto, de um mundo incompleto, inacabado, em cada uma de suas aventuras com o traço, as tintas, os pincéis. Profusão de flores e pássaros multicoloridos explode em suas telas, que trazem sempre o acentuado gosto pelo decorativo, uma espécie de bordado feminino. “Detalhes” esmaecem a bravura de um São Jorge exterminando o dragão. Capa ao vento, o cavalo manso fixando os olhos no espectador, num fundo azul de onde brotam flores.

Os “detalhes” aparecem também na imagem de São Francisco num fundo azul adornado de flores e pássaros. Uma de suas versões da Natividade é uma narrativa contada com todos os personagens, em diferentes planos da superfície da tela. Na parte superior, os três Reis Magos seguem o percurso no deserto para presentear o menino. Não percorrem, contudo, a imensidão vazia do horizonte em que se divisa, sob o céu impassível, a paisagem de areia e dunas a perder de vista, pois em seu percurso surpreende a presença de animais cristãos, a ovelha, a vaca, o que impregna a cena de uma atmosfera onírica. Uma linha a separa do evento do



São Jorge. 2010, acrílico s/ tela, 27 X 35cm



Nascimento de Jesus. 2004, acrílico s/ tela, 40 X 50cm

nascimento, que também transborda em cores puras e detalhes e, no traçado e nas tintas de Ermelinda, condensa um clima de festa e alegria. O mesmo clima ela transfere ainda para as suas composições de temas das culturas populares, notadamente o bumba-meu-boi, a festa junina.

Seu trabalho, no entanto, não se restringe à superfície lisa das telas. Nessa concepção de um mundo inacabado, Ermelinda parece não poder deixar nenhum objeto, um vidro, uma caixa, uma latinha sem a sua marca pessoal, os seus “detalhes”, como costuma dizer. Em casa, o frasco preto vazio de um vidro de perfume recebe pinceladas de amarelo e laranja e logo flores surgem. Uma garrafa de vinho já sem o rótulo recebe um pontilhado multicolorido – mais flores. Aos poucos, o visitante percebe que nada ali escapa de sua intervenção; existe um “mundo Ermelinda” que não



assimila inteiramente a forma despojada, homogeneizada do produto industrial, e assim cada peça logo ganha o seu adorno, o seu detalhe.

Além de todos esses objetos reinventados que habitam o espaço doméstico, recentemente, cd's que recebe de seus amigos passaram a ser reaproveitados com desenhos e aplicações de detalhes em crochê e fuxico, elementos que herdou



de sua vida em família, em Fortaleza. A partir de acordo firmado com uma empresa, Ermelinda recebe uma percentagem pela venda das peças – caixas, marcadores de livros, jogos americanos, descansos de copos, vendidos em lojas de decoração de interiores – em que imprime alguns de seus quadros.

Sobrevivendo de modesta aposentadoria e da venda de suas telas e artigos para presentes, Ermelinda é incansável, e não deixa de enviar seus trabalhos para eventos em todo o país, como a Bienal de Arte Naif, do Sesc de Piracicaba, por exemplo, e a comemoração ao centenário de Cândido Portinari, no Instituto Glaucê Franco, em 2003, em que sua tela *Espantinho* integrou a iniciativa proposta pelos organizadores de que os participantes apresentassem uma versão pessoal de quadros pintados pelo artista.



Cândido Portinari, 2003, acrílico s/ tela, 33 X 41cm



Embora tenha participado de várias exposições internacionais a partir de mediação do Mian, sua primeira viagem ao exterior, para participar de pintura em mural, foi possível com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, numa ação pela paz no Haiti.

Hoje não sei mais viver sem o meu pincel. Quanto mais eu pinto, mais vontade tenho de pintar. Isso é uma maravilha. Não escolhi a pintura naif, a pintura naif me escolheu.

maio de 2010



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FROTA, Lélia Coelho. *Mitopoética de nove artistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

_____. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro – século XX*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

GAUGUIN, Paul. *Ecrits et lettres*. In: CHARPIER, Jacques; SEGHERS, Pierre (Orgs.). *L'art de la peinture*. Paris: Editions Ségheers, 1957.

SOUZA, Marina Mello e. *Edson Lima, pintor popular*. Rio de Janeiro: Funarte: CNFCP, 1988. (Sala do Artista Popular 41).

TRAVASSOS, Elizabeth. *Pinturas de Edilson Araújo*. Rio de Janeiro: Funarte, 1986. (Sala do Artista Popular 23).

_____. Ricardo de Ozias, pinturas. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 1987. (Sala do Artista Popular, 30).

As mulheres. 2008, acrílico s/ tela 38 X 45cm





A mulher e os pássaros. 2000, acrílico s/ tela, 37 X 45cm

EXPOSIÇÕES E PREMIAÇÕES

- | | | | |
|------|---|-----------|---|
| 2000 | Musée de la Creation Franche, Bébles, França | 2005 | Musée International d'Art Naif Anatole Jakovsky, Nice, França
Nações Unidas, Nova Iorque, EUA
Placa de Ouro no I Salão de Artes Plásticas, da Associação de Administração Estadual, Rio de Janeiro
Menção Honrosa no Salão da Associação de Mantenedores e Beneficiários da Petros
Menção Honrosa no Salão do Ministério da Defesa
Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo
Organização dos Estados Americanos, Washington, EUA |
| 2002 | Individual no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro
Museu Internacional de Arte Naif, Rio de Janeiro
Bienal de Arte Naif Sesc de Piracicaba, São Paulo
Casa de Cultura de Três Rios
Palheta de Ouro no Salão da Fundação Casa do Estudante
Medalha de Prata no Salão da Associação Brasileira de Desenho
Medalha de Prata no I Salão do Ministério da Defesa
Medalha de Bronze no Salão da Hungria
Medalha de Bronze no Salão da Espanha
Medalha de Bronze no Salão do Clube Militar | 2005-2006 | Individual no Museu Internacional de Arte Naif, Rio de Janeiro. |
| 2003 | Broward Center for the Performing Arts, Florida, USA
Senac, Rio de Janeiro
Sesc, São João de Meriti (RJ)
Fundação Escola de Serviço Público, Rio de Janeiro
Homenagem a Candido Portinari, no Instituto Glauce Franco
Medalha de Prata no Salão do Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia
Palheta de Bronze no Salão da Sociedade Brasileira de Belas Artes
Medalha de Bronze no Salão do Clube Militar | 2006 | Haitien du College Saint Pierre, Porto Príncipe, Haiti
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro
Centro Cultural Euclides da Cunha, São Paulo
Fundação Escola de Serviço Público, Rio de Janeiro
Centro Cultural da Justiça Federal, Rio de Janeiro |
| 2004 | Prêmio Aquisição na Bienal de Arte Naif do Sesc de Piracicaba
Individual no Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, Rio de Janeiro
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, Curitiba | 2007 | Caixa Econômica Federal, Brasília
Centro Cultural Galileo Madrid
Galeria Vitrine da Caixa Econômica Federal, Brasília
Universidade Estácio de Sá |
| | | 2008 | Menção Honrosa no Salão do Clube Militar |
| | | 2009 | Menção Honrosa no Salão do Clube Militar |
| | | 2010 | Organização Internacional do Trabalho, Genebra, Suíça |

COLEÇÃO DO MUSEU INTERNACIONAL DE ARTE NAIF

Bumba-meu-boi
Saci-Pererê
Festa junina
Natureza morta com peixe
Baiana com vaso de flores
Feliz Natal Mian!
De baixo d'água
Seleção brasileira em campo
Maracanã
Largada da corrida
São Miguel Arcanjo
A plantação de mandioca do meu pai
Pentacampeã do mundo em 2002
Ciclismo
Daiane



São Cosme e São Damião, 2005, acrílico s/ tela, 33 X 45cm

Festa de enamorados, 2009, acrílico s/ tela 38 X 45cm



CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891
fax (21) 2205.0090
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

ERMELINDA DE ALMEIDA

tel (21) 2225.5055 | 9665.6491
ermelindadealmeida@hotmail.com



Ministério
da Cultura





RIO DE JANEIRO | 15 DE JULHO A 15 DE AGOSTO DE 2010 |
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO